

EDITORIAL

UMA PUBLICAÇÃO DA Associação Médica de Minas Gerais – AMMG · Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais – CRM-MG · Cooperativa Editora e de Cultura Médica Ltda. – Coopmed · Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais – FCMMG · Faculdade de Medicina da UFMG – FM/UFMG · Federação Nacional das Cooperativas Médicas – Fencom · Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais – SES/MG · Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SMSa/BH · Sindicato dos Médicos do Estado de Minas Gerais – Sinmed-MG · Unimed-BH Cooperativa de Trabalho Médico Ltda – Unimed-BH.

Diretoria Executiva do Conselho Gestor

Francisco José Penna - *Presidente* ·

Helton Freitas - *Diretor Financeiro* ·

Marcelo Gouvea Teixeira - *Diretor de Relações Institucionais* ·

Conselho Gestor

Amélia Maria Fernandes Pessoa (*Sinmed-MG*) ·

Antônio Carlos Martins Guedes (*Coopmed*) ·

Ciro José Buldrini Filogônio (*Fencom*) ·

Cláudio de Souza (*CRM-MG*) ·

Francisco José Penna (*FM/UFMG*) ·

Helton Freitas (*UNIMED-BH*) ·

Marcelo Gouvea Teixeira (*SMSa-BH*) ·

José Codo Albino Dias (*AMMG*) ·

Lucas Viana Machado (*FCMMG*) ·

Nery Cunha Vital (*SES/MG*) ·

Editor Administrativo

Maria Piedade Fernandes Ribeiro Leite

Secretária

Suzana Maria de Moraes Miranda

Normalização Bibliográfica

Maria Piedade Fernandes Ribeiro Leite

Projeto gráfico: José Augusto Barros

Produção Editorial: Folium

Tiragem: 500 exemplares

Indexada em: LILACS – Literatura Latino-Americana

em Ciências da Saúde; PERIODICA - Índice de Revisitas Latinoamericanas; LATINDEX - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe y Portugal.

Versão online: <http://rmmg.medicina.ufmg.br/>

Início da Publicação: v.1, n.1, jul./set. 1991

Correspondências e artigos

Revista Médica de Minas Gerais

Faculdade de Medicina da UFMG

Av. Prof. Alfredo Balena, 190 – Sala 12

30130-100 – Belo Horizonte. MG.Brasil

Telefone: (31) 3409-9796

e-mail (artigos): editoria.rmmg@medicina.ufmg.br

e-mail (correspondências):

secretaria.rmmg@medicina.ufmg.br

Interdisciplinaridade nas Neurociências

A Neurociência é naturalmente multidisciplinar, já que o objeto de seu estudo pode ser abordado a partir de diferentes perspectivas e por meio de diferentes métodos. Mas ser multidisciplinar, antes de ser uma qualidade ou uma vantagem, pode ser um grande problema. Embora os diferentes significados de tais termos ainda sejam debatidos, por multidisciplinar geralmente entende-se a reunião de duas ou mais disciplinas sem que haja uma real integração entre elas. Nesse caso, as várias disciplinas coexistem, mas cada uma delas retém seus conceitos e metodologias em uma cooperação que pode ser mútua e cumulativa, mas não interativa. Uma real interação de duas ou mais disciplinas, naquilo que se caracteriza por ser verdadeiramente interdisciplinar, requer a transferência e unificação de conceitos, a depuração de termos e códigos em uma linguagem comum e, freqüentemente, a criação de novos conceitos. É nesse contexto novo e desafiador que o conhecimento distribuído, trazido pelos vários membros das diferentes disciplinas, precisa ser habilmente combinado e costurado de tal forma a produzir conhecimento novo, dificilmente obtido por qualquer uma das disciplinas isoladamente. Mas, para isso, não basta calcularmos uma média! Idealmente, um domínio interdisciplinar pode evoluir e atingir um grau de maturidade onde as fronteiras que demarcam suas disciplinas começam a se dissolver. Mais do que mutuamente interagentes, as disciplinas que compõem esse domínio começam a se fundir, e aquilo que era interdisciplinar transforma-se em algo transdisciplinar. Os novos membros de uma área transdisciplinar serão formados em um ambiente que resulta do amálgama constituído pelas várias disciplinas subjacentes, e as dominarão sem enxergá-las como distintas. Mas a Neurociência brasileira ainda não chegou a esse ponto. Nem podemos dizer que possuímos uma Neurociência plenamente interdisciplinar. O que observamos são iniciativas isoladas, ainda que corajosas, de se elevar a uma categoria verdadeiramente interdisciplinar aquilo que na maioria das vezes é apenas a coexistência de vários métodos ou perspectivas de abordagens. Ainda enfrentamos, em diferentes níveis institucionais, uma atitude reservada e relutante em relação a iniciativas verdadeiramente interdisciplinares. Não cabe aqui uma análise exaustiva das razões que levam a esse quase preconceito. Talvez a insegurança em julgarmos algo que não conhecemos profundamente, o suposto risco de perdermos nossa identidade científica, ou o receio de vermos diminuídos os privilégios de financiamento ou reduzida a nossa força política, todos juntos, sejam os motivos principais, velados e indizíveis, que norteiam a resistência que observamos. A Neurociência brasileira poderá muito se beneficiar de uma difícil, porém possível, mudança de atitudes, concepções e políticas educacionais e científicas, onde jovens cientistas possam aprender precocemente que não precisam respeitar as fronteiras arbitrárias que separam diferentes disciplinas, que não devem temê-las por sua aparente dificuldade e, sobretudo, que não devem negligenciá-las por carecerem de importância ou aplicação imediatas. Estamos ainda longe de ver essa atitude concretamente estimulada pelos programas de pós-graduação, defendida consensualmente pela comunidade neurocientífica, ou amplamente financiada pelas agências de fomento. Se as diversas disciplinas, fragmentadas em diferentes técnicas, metodologias e abordagens, forem concebidas como um punhado de cacos coloridos, podemos criar algo que nos pareça multidisciplinar escolhendo alguns desses cacos e os reunindo, com capricho, em um mesmo mosaico. Mas se quisermos construir algo realmente interdisciplinar, e que possa um dia vir a iluminar-se como genuinamente transdisciplinar, teremos que aprender a arte dos vitrais.

Prof. Marcus Vinícius Chrysóstomo Baldo

Presidente da Sociedade Brasileira de Neurociências e comportamento (SBNeC)